

OS SUSPEITOS DO COSTUME

A elite liberal, chavão que se tornou propriedade coletiva, anda a passear a caxemira em Davos. Lagarde, a mulher condenada mas liberta pelo mesmo tribunal, et pour cause, passeia o Chanel enquanto profere meia dúzia de banalidades sobre a economia global que a realidade se encarregará de desmentir ou, como vem acontecendo, ela mesma ou um oficial das ordens menores desmentirá em seu nome. A atenção que lhe prestamos é nula. Os outros bebericarão bebidas exóticas preparadas pelo melhores mixologistas, uma profissão de futuro como todas as profissões que fazem o catering dos muito ricos, esquiarão nas encostas do bolo nevado, farão comunicações sobre o bem comum, a economia, o aquecimento global, a globalização, a pobreza, os países em vias de desenvolvimento, a guerra, o ambiente, o projeto europeu, o projeto trumpista, o projeto putinista, a luta antiterrorista, a crise dos refugiados, o humanismo e todos os ismos. Os muitos ismos cristãos das elites de coração a sangrar pelo próximo. Cristo corrê-los-ia a chicote destes templos de abundância, mas Cristo não está no meio de nós.

Os suspeitos do costume vão todos os anos a Davos derramar boas intenções. Os muito ricos, demasiado ricos, aterrarão o jato privado e descerão em línguas sobre os apóstolos. Na mesa ao lado, separados por um cocktail, as organizações caridosas repetirão que dez homens no planeta têm tanta

riqueza como metade da população do planeta. Os bilionários darão a esmola bilionária, proferirão uma intenção de salvar o mundo quando tudo o que o mundo precisa é de se salvar deles. E nos quartos baratos de Davos, caros demais, a elite dos jornalistas, com o sobretudo coçado, fingirá que conhece os grandes e que ainda tem alguma influência sobre os grandes acontecimentos deste mundo. A verdade é que não tem, deixou de ter. A elite dos jornalistas apenas é lida pela elite liberal. E a elite liberal vai perder uma das batalhas da sua existência. A do futuro.

A elite liberal está a tornar-se uma espécie parecida com a monarquia europeia. Os seus membros, com exceção dos reis de Silicon Valley, reinam sobre coisa nenhuma, mas têm autorização para usar a coroa nos casamentos uns dos outros e uns com os outros. Enquanto isto se passa, num ambiente agradável e aquecido, ao ritmo de uns milhões de dólares por cabeça, as hordas estão postadas aos portões de Roma. Selvagens, peludas, furibundas, descontentes, armadas com o iPhone fornecido por um dos bilionários do sistema e fabricado por outras hordas em lugares distantes e menos livres, esperam a sua hora. Sabem que estes monarcas vão acabar por cair, mais cedo ou mais tarde. Desprezam as boas palavras e as boas intenções, consideram todas as promessas deste mundo uma mentira, e aplaudem os novos chefes. Os novos chefes prometeram-lhes que iriam mudar as suas vidas e iriam falar verdade. Mesmo quando mentem, mentem com frontalidade. As hordas não se importam. Não os aplaudem porque precisam da proteção deles, aplaudem-nos porque eles, os novos chefes, odeiam as elites com o mesmo ódio e a mesma sanha e querem destruí-las. Isto basta. *Après moi le déluge?* Seja. Morremos todos. Desde que tu morras comigo. O discurso de Theresa May sobre o Brexit, hard, muito hard, é a versão política e correta

disto. Morremos todos. Mais vale morreremos todos do que salvarmos os nossos inimigos.

Assim vivemos. Estando eu, como estou, do lado das malditas elites liberais, e não confiando nos bárbaros, consigo entender que estamos a prazo. Como escrevi no princípio do primeiro mandato de Obama, o derradeiro ato da esquerda social-democrata europeia foi a eleição deste chefe humanista, cosmopolita e elitista. Com a retirada de Obama e a entrada em cena do Luís XIV da Quinta Avenida, o mundo entra noutra fase. Podemos chamar-lhe incerteza, mas incerteza é o que menos existe. A certeza é de que vai correr mal. Morremos todos. O jornalismo liberal, a política liberal, a democracia liberal. O voto popular trará consigo o poder da horda descontente e da sua revolução sociológica. Olhando para Davos e a extravagância destes encontros, não custa entender as razões do descontentamento dos que nunca foram convidados para o banquete.

Portugal estará no meio deste turbilhão. Os famosos consensos ao centro, que durante anos permitiram construir a democracia portuguesa, acabaram. O PS e o PSD combatem-se como inimigos e as esquerdas tratam da vida delas. Pensar que existe uma unidade da esquerda que não seja tática é um erro. A esquerda populista quer o que quer a direita populista, não quer a social-democracia. E a direita, incluindo a deste PSD, escolherá o populismo como garantia da sua eleição ou da sua vingança. Os extremistas e os ressentidos perceberam que o futuro é populista. Um governo moderado governa contra a corrente. O estado social acabará mais cedo ou mais tarde, tornou-se demasiado caro, e será substituído pela conta da sustentabilidade e do ambiente, questão de sobrevivência, dentro de uma dúzia de anos. Assim termina o mundo expansionista e otimista da Europa do pós-guerra. Talvez para sempre.

2017